

Linguística formal e linguística do discurso: continuidades e rupturas teóricas

Fabiana Silva Santos

Thais Silva Santos

SANTOS, Fabiana, S; SANTOS, Thais S. Linguística formal e linguística do discurso: continuidades e rupturas teóricas. *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016.

ISSN: 2358-6826

[www.linguisticario.letas.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/santos_e_santos.pdf]

Informações do autor

Fabiana Santos
Mestranda em Linguística, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Thais Santos
Graduada em Letras-Espanhol,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Contato: fabianasilsan@hotmail.com

Outras informações

Enviado: 16 de dezembro de 2015
Aceito: 26 de março de 2016
Online: 27 de março de 2016

RESUMO: A linguagem humana sempre foi presença constante como objeto de interesse de estudiosos que buscavam explicar, entre outros fatores, sua origem, funcionamento e processo de aquisição. No decorrer da história a linguística sofreu influências de outras áreas científicas e congregou, na sua trajetória, diversas vertentes teóricas que, por suas reflexões a respeito da temática, enriqueceram as pesquisas passando do estudo da forma da língua ao discurso, contribuindo assim para que a linguística se constitua como uma ciência dinâmica em seu processo de evolução teórica. Apresentar de maneira simples as continuidades e rupturas teóricas entre a Linguística Formal e a Linguística do Discurso é o objetivo deste artigo, que faz uma análise comparativa entre as vertentes teóricas Estruturalista, Gerativista, Sociolinguística e Linguística Cognitiva

PALAVRAS CHAVE: Linguística Formal; Linguística do Discurso; Continuidades e Rupturas.

Introdução

A linguística tal como a conhecemos hoje é o resultado de um processo de continuidades e rupturas teóricas que teve início, de acordo com a tradição linguística, com o estudo do Sânscrito (Índia 400 a.C - Gramática de Pānini). A partir disso, as reflexões acerca da linguagem evoluíram buscando entender os processos referentes à comunicação humana.

A partir do século XX os estudos linguísticos foram divididos em dois grandes polos: a Linguística Formal e a Linguística Discursiva (ou Funcionalista). O primeiro grande polo - o formalista - consiste no estudo da língua enquanto sistema de regras - Estrutura. Nesse polo destacam-se duas grandes vertentes, a saber, o Estruturalismo e o Gerativismo. No polo discursivo (ou funcionalista) os estudos da linguagem, em geral, passaram a considerar os aspectos sociointeracionais na análise linguística. Desse polo surgiram diversas vertentes que compõem o quadro de estudos linguísticos na atualidade. Apresentar as continuidades e rupturas desses estudos linguísticos nesses dois polos, mais

precisamente o Estruturalismo Saussuriano e o Gerativismo Clássico de Chomsky no polo Formal e da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva no polo Discursivo, é o objetivo deste artigo.

1. A Linguística Formal

De uma forma geral, pode-se dizer que a Linguística Formal é composta por teorias que concebem a língua enquanto uma estrutura. Desse modo, *A língua é entendida como um objeto autônomo, independente das intenções de uso e da situação comunicativa.* (cf. MARTELOTTA, 2008: 87). No polo formalista se destacam duas vertentes, o Estruturalismo (1916) de Fernand de Saussure e o Gerativismo (1957) de Noam Chomsky.

1.1 Estruturalismo

Inicialmente é necessário destacar que o termo estruturalismo costuma ser usado por diversas vertentes linguísticas as quais têm em comum, concepções e métodos baseados na definição de língua enquanto estrutura, porém apresentando variações de parâmetros que se afastam das ideias de Saussure. O estudo ora proposto se refere à teoria saussuriana nascente no início do século XX, a partir da publicação do Curso de Linguística Geral (1916), livro organizado e publicado postumamente por Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos do mestre suíço.

No Estruturalismo saussuriano, embora não conste no Curso de Linguística Geral (cf. FIORIN, 2002), a tradição dos estudos linguísticos costuma dividir a teoria de Saussure em quatro princípios denominados de dicotomias (s): sincronia vs. diacronia; língua vs. fala; significado vs. significante; paradigmas vs. sintagmas. O termo grego dicotomia (“dikho”: dois e tomia”: cortar), designa a divisão lógica de um conceito em dois, de modo que se obtenha um par opositivo.

Ao inaugurar a Linguística Moderna, Saussure abandona o estudo histórico comparado das línguas, vigente até o final do século XIX. Nessa época, o método de estudo utilizado era o diacrônico, ou seja, o estudo da evolução histórica das línguas. Saussure então inova priorizando a descrição sincrônica com o objetivo de descrever a estrutura de determinada língua em um dado momento no tempo sem levar em consideração o processo histórico, evolutivo dessa língua. De acordo com Fiorin (2002: 79):

Contrariamente ao estudo da mudança linguística, o ponto de vista sincrônico vê a língua como um sistema em que um elemento se define pelos demais elementos. No estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos linguísticos. Esses elementos são estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros.

A dicotomia Língua vs. Fala na teoria saussuriana, fez que Saussure elegeesse a língua como objeto de estudo da linguística, visto que esta é sistêmica e coletiva. Nesse sentido, a língua pode ser definida como um sistema composto por elementos denominados de signos linguísticos. Estes são encadeados para formar um todo organizado de modo que cada signo é definido linguisticamente em relação com os outros signos do sistema de acordo com a sua ordem ou função. Esse conjunto de relações que as unidades da língua mantêm entre si se constitui uma forma. Logo, para Saussure língua é forma e não substância (*cf.* SAUSSURE, 1987). Diferentemente da língua, a fala na concepção estruturalista é assistemática, individual, plena de influência emocional. Nesse ponto, chega-se a outra dicotomia da teoria de Saussure: forma vs. Substância.

Para Saussure língua é forma, isto é, estrutura e não substância, ou seja, a materialidade da forma. Sendo relevante para o uso da língua apenas o conhecimento da regra, da estrutura (forma) e não a representação material dessa língua (substância) como sons do aparelho fonador, pensamentos e desejos, por exemplo.

A dicotomia significado vs. significante é baseada no princípio de que a língua é um conjunto de elementos que formam um sistema inter-relacionado, sendo esses elementos denominados de signos. O signo linguístico é constituído inseparavelmente de duas faces: significante e significado. O significante se caracteriza por ser a imagem acústica da língua, ou seja, é o conjunto de fonemas que representa a palavra. Mas não como forma física e sim como impressão psíquica do som, pois para essa teoria a língua é um código virtual isolado de sua utilização na fala (*cf.* SAUSSURE, 1987).

O significado pode ser definido como o sentido atribuído ao significante. Porém, é importante ressaltar que esse conceito não é motivado e sim arbitrário,

visto que para essa teoria, o signo é uma convenção social. Logo, não há relação do signo com o referente (*cf.* SAUSSURE, 1987). No exemplo que segue, não há nenhuma relação na palavra flor (signo) com a planta (referente), isso significa dizer que a língua é coletiva, social e não icônica. Exemplo: FLOR-----SIGNIFICANTE: a imagem mental que se atribui a palavra; SIGNIFICADO: parte das plantas superiores que constitui o seu órgão reprodutor. Apresentam variadas cores, tamanhos e perfumes de acordo com cada espécie.

Por fim, a dicotomia paradigma vs. sintagma se sustenta na tese de que cada elemento linguístico em um enunciado suscita no falante/ouvinte a imagem do outro elemento. Todo signo linguístico está em oposição a todos os outros, tanto no sintagma como no paradigma e recebe sua função (valor) em virtude dessa oposição. Exemplo: ROSA----PARADIGMA: R em relação de contraste com /L/; /B/; /G/; SINTAGMA: R em relação de combinação com /O/;/S/; /A/.

O Estruturalismo influenciou diversas vertentes na produção de conhecimento linguístico no decorrer do século XX e sob essa base teórica, a Linguística Moderna se divide em duas principais vertentes: o Estruturalismo Europeu (funcionalismo) e o Estruturalismo Americano (Linguística Distribucional).

O Estruturalismo Europeu pode ser apresentado por meio das concepções de três grupos de estudos, a saber, a Escola de Genebra, Escola de Praga e a Escola de Copenhague. As duas primeiras ampliam seus estudos considerando a língua como um sistema funcional não restrito a estrutura. Sendo assim, a descrição das diferentes funções da linguagem é mais importante do que a questão psicológica ou sociológica. Dessa maneira essas vertentes rompem com as ideias de Saussure, pois passam a considerar parâmetros pragmáticos e discursivos. Nesse período, uma das maiores contribuições foi a distinção entre Fonética e Fonologia e teve como principais nomes os linguistas Nikolai Trubetkoy e Roman Jakobson (Círculo de Praga-1926 para essa escola a função determina a língua). O terceiro grupo, a Escola de Copenhague, se aproxima mais dos parâmetros de Saussure, por enfatizar o estudo formal da língua (*cf.* MARTELOTTA, 2008). Na corrente norte-americana destacam-se nomes como Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Sapir ultrapassa os limites do estruturalismo saussuriano do estudo da língua enquanto sistema fechado em si mesmo e passa a considerar a cultura como inerente a

língua. Sapir e Whorf, seu discípulo, elaboram a ‘Hipótese da Relatividade linguística’ na qual se acredita que as distinções de significado existentes numa língua são relativas às distinções culturais relevantes entre o povo que usa a língua.

Bloomfield tem como base de seus estudos linguísticos o Behaviorismo (teoria acerca do comportamento humano proposta em 1920 por Skinner) e se aproxima do Estruturalismo de Saussure, por manter um grande número de concepções do estruturalismo saussuriano, entre elas a concepção de língua como sendo uma estrutura, excluindo explicações subjetivas. Além de considerar o princípio de relação de oposição entre unidades no interior do sistema linguístico, o princípio de imanência de que cada língua é única, no que se refere a sua estrutura e deve ser estudada sem a influência de fatores extralinguísticos (cf. MARTELOTTA, 2008). Bloomfield também estabeleceu os princípios do Método Distribucional, o qual consiste primeiramente em coletar um número relevante de dados da língua em estudo e a partir disso delimitar as unidades da língua e a análise imediata dos constituintes. Devido a suas concepções e métodos de pesquisa, a Linguística Distribucional foi considerada excessivamente formal e mecanicista.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o Estruturalismo saussuriano, de um modo geral, pode ser definido como o estudo da língua enquanto sistema interno, fechado em si mesmo. Desse modo, não há interferência de elementos extralinguísticos, tais como interlocutores ou contexto situacional como fatores determinantes da organização da estrutura da língua, sendo também o sujeito ausente da produção do que é social e histórico no sistema linguístico.

1.2 Gerativismo

As abordagens estruturalistas ocuparam significativamente o espaço dos estudos linguísticos (europeu e americano) até os anos 50 do século XX, quando uma nova abordagem linguística denominada de Linguística Gerativa formulada pelo linguista norte-americano Noam Chomsky surgiu com uma nova proposta de investigação da linguagem. Essa nova abordagem sofreu diversas mudanças que podem ser divididas em três fases: A primeira tem como marco a publicação do livro *Estruturas Sintáticas* (1957). Nessa fase, os estudos gerativos centraram suas

pesquisas na tentativa de desvendar quais as regras capazes de gerar as estruturas sintáticas de uma língua (Gramática Transformacional). Nesse período, os gerativistas buscavam identificar as regras que permitiam a geração e a transformação de estrutura da língua. Um de seus objetivos era descrever e explicar como os constituintes eram organizados em um sistema lógico para aplicações de regras. Inicia-se então a formulação de um conjunto de princípios e parâmetros os quais contribuíram, posteriormente, para a constituição da Gramática Universal (GU). A segunda fase ficou conhecida como Teoria Padrão e Teoria Padrão Estendida. Inicia-se com o estudo dos níveis de projeção e a partir disso, cresce o nível de abstração do modelo. A terceira e atual fase dos estudos de Chomsky denomina-se Programa de Princípios e Parâmetros, na forma de Programa Minimalista. Esta última fase, continua passando por alterações, porém preserva os conceitos fundamentais da Linguística Gerativa, tais como a ideia de que existe um sistema de regras e princípios inato na mente humana que a predispõe a aprender uma língua, além da existência da Gramática Universal (GU).

De uma maneira geral, Chomsky diverge dos princípios teóricos apresentados pela Linguística Americana desde a segunda metade do século XIX, uma vez que o Gerativismo critica a teoria classificatória dos estruturalistas e sugeri estudar a linguagem independente dos dados, priorizando a teoria. Dessa forma, nasce a Teoria Gerativa a qual tem como questão central, dentro de um programa denominado Gramática Gerativa, o problema de desvendar como é que a gramática se desenvolve na mente do sujeito falante. Ou seja, como é que ocorre a aquisição da linguagem pelo ser humano. Logo, para a Teoria Gerativa o papel da mente humana se constitui a questão central no processo de aquisição da linguagem. Para explicar essa questão existem duas tradições fixadas na história do pensamento filosófico e linguístico ocidental: a empirista e a racionalista (cf. CHOMSKY, 2005). A primeira, adotada pelo Estruturalismo, entende que o desenvolvimento linguístico ocorre por meio de fatores externos à mente humana, enquanto que a tradição racionalista entende que as propriedades centrais do desenvolvimento da linguagem são definidas por estruturas mentais exclusivas do ser humano.

Chomsky adotou uma postura racionalista para a sua teoria, afirmando que a língua deve ser estudada de forma lógica e abstrata (cf. CHOMSKY, 2005). Para

ele a concepção do objeto de estudo da linguística (a língua) consiste em um sistema de regras e princípios radicados em instância na mente humana. Segundo Lunguinho et al. (2012), isso significa que, qualquer criança (salvo caso patológico) exposta a um ambiente linguístico apropriado, pode adquirir (a gramática de) uma língua. Dessa forma, Chomsky explica o desenvolvimento da linguagem na criança para explicar a aquisição da linguagem humana em seu aspecto biológico.

Por meio dessa concepção racionalista de língua, Chomsky apresenta o programa de investigação da Gramática Gerativa a partir de três questões básicas: a) O que constitui o conhecimento da língua? b) Como é adquirido o conhecimento da língua? c) Como é usado o conhecimento da língua? (cf. CHOMSKY, 1994: 23).

Para responder a essas questões, Chomsky explica que na mente humana existe uma gramática interiorizada que pode ser explicada de duas formas: Na primeira, a gramática é entendida como um dicionário mental das formas da língua, e na segunda como um sistema de princípios e regras atuando sobre formas. Nesse sistema as representações mentais são compostas por conjuntos de combinações de elementos dispostos em categorias das formas linguísticas que atuam como um sistema computacional, de maneira que, essas representações definem as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas da língua. Desse modo, a gramática define como as representações se unem com os demais sistemas conceituais da mente para fazer a junção articulada da pronúncia com o som. Nesse processo sistemático formal lógico, primeiro as expressões são formadas por um sistema de regras formais para só depois ganharem significação (cf. CHOMSKY, 2005).

Para Chomsky (1997) a mente humana é formada por módulos autônomos, cada um deles constituído por princípios e representações específicas como, por exemplo, existe um módulo específico para a linguagem, outro módulo para a matemática ou música e assim por diante. Tais módulos mantêm contato uns com os outros, estabelecendo uma interação complexa que determina as propriedades dos fenômenos mentais humanos.

No módulo da linguagem a Teoria Gerativa entende que o cérebro humano possui um mecanismo mental inato, dotado de funções exclusivamente linguísticas que o capacita a adquirir a linguagem. Esse módulo corresponde, separadamente, a

uma área específica, a saber: a semântica, a fonologia, o léxico, a morfologia e a sintaxe. Sendo formalista, o foco do Gerativismo é o estudo da sintaxe.

Esse mecanismo mental inato é denominado de Faculdade da Linguagem. De acordo com os pressupostos gerativistas, a Faculdade da Linguagem é composta de pelo menos dois aspectos: um cognitivo e outro de desempenho da linguagem. A esse respeito, Chomsky (2002) apresenta os conceitos de competência e de performance (desempenho) linguística. A competência é definida como intuição inconsciente que o falante nativo apresenta de reconhecer se uma frase é gramatical ou agramatical. Já a performance ou desempenho linguístico refere-se ao uso concreto da língua. Em função disso, envolve diversos tipos de habilidades que não são linguísticas, tais como, memória, emoção, conhecimento de mundo, entre outras (cf. CHOMSKY, 1994). Por se tratar de um aspecto relativo ao funcionamento da mente humana, a competência é priorizada à performance nos estudos gerativos. Nesse ponto, é interessante observar que a dicotomia língua-fala de Saussure corresponde na Teoria Gerativa a dicotomia “competência-performance” (cf. BORGES NETO, 2004) e que em função de essas duas teorias pertencerem a corrente formalista, na qual aspectos extralinguísticos não interessam para suas análises, para o Estruturalismo (Saussure) a língua é o objeto de estudo da linguística e para o Gerativismo interessa a competência.

Considerado o maior teórico contemporâneo, algumas das principais contribuições de Chomsky para o desenvolvimento dos estudos linguísticos foi primeiramente apresentar uma nova teoria, a Gramática Gerativa, com a qual propõe pensar maneiras através das quais os indivíduos formulam as sentenças, além de ter elaborado a descrição científica da Faculdade da Linguagem. O termo Gramática Gerativa está relacionado com a ideia de que cada língua gera expressões. Assim, para Chomsky, o ser humano possui um dispositivo de aquisição da língua (cf. CHOMSKY, 1994), que o capacita a criar um número ilimitado de sentenças, a partir do domínio de um conjunto finito de regras.

Como já foi exposto, para a abordagem Gerativa o ser humano já nasce com um conjunto de princípios referentes ao funcionamento das línguas e por isso a capacidade de aquisição da linguagem é uma herança genética. Logo, a estrutura biológica humana é para essa teoria condição para o surgimento das línguas. Nessa perspectiva, a linguagem é parte da genética humana, tendo propriedades comuns

compartilhadas entre todas as línguas. Tal fato direciona a abordagem Gerativa a buscar essas características universais da linguagem, descrevendo e explicando tais propriedades contidas em uma Gramática Universal (GU). A GU pode ser definida como o conjunto das propriedades gramaticais comuns que são partilhadas pelas línguas naturais, assim como as diferenças previstas entre estas, de acordo com uma gama de opções disponíveis na própria GU (*cf.* CHOMSKY, 1994).

Considerada o estágio inicial da faculdade da linguagem, a GU está presente em todos os indivíduos da espécie humana. Dessa forma, a Linguística Gerativa procura explicar que a GU apresenta duas partes denominadas de Princípios e Parâmetros. Aos Princípios é atribuída a parte comum e rígida da GU. Nessa parte estão contidos os elementos linguísticos os quais são compartilhados pelas línguas de uma forma universal. Esses elementos dizem respeito às semelhanças entre as línguas e às características estruturais presentes em todas as línguas, uma vez que toda língua apresenta em seu sistema sintático elementos que correspondem à função de sujeito – predicado – complemento. Aos parâmetros é imputada a parte considerara flexível, ou seja, os parâmetros são o que as línguas apresentam de variação entre si em termos sintáticos como, por exemplo, a presença obrigatória de termos lexicais que dão sentido a estrutura frasal da língua em questão e que não é em outra (*cf.* CHOMSKY, 1994).

Para exemplificar a definição dos Princípios e Parâmetros para o Gerativismo, pode ser citada a questão do sujeito como sendo um Princípio universal, uma vez que ele está presente em todas as línguas. Porém, o fato de ele estar expresso em uma língua e nulo em outra de maneira obrigatória ou facultativa, é um Parâmetro sintático que pode ocorrer ou não a depender das regras estruturais de cada língua.

Diante disso, apesar de ser formalista como Saussure, desde o início de seus estudos, Chomsky discorda de Saussure ao defender o princípio do inatismo. Isso ocorre porque enquanto Saussure afirma que a língua é uma convenção social, Chomsky defende que é um fenômeno interno próprio da biologia da espécie humana. Dessa forma, apesar de Saussure e Chomsky estudarem a língua em sua forma (idealizada, homogenia), a principal diferença entre esses linguistas reside no fato de que para o primeiro a língua é um sistema de signos, e para o segundo,

um conjunto de sentenças. Para Saussure a língua é social “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (cf. SAUSSURE, 1987: 22). Por sua vez, Chomsky não nega a influência do ambiente (cf. CHOMSKY, 1994), mas a língua é para este teórico um sistema de princípios radicados na mente humana. Dessa forma, na definição de língua apresentada por Saussure não existe nada que trate sobre as regras para gerar sentenças, o que é fundamental em Chomsky. O Gerativismo também discorda das concepções do Estruturalismo Americano da Linguística Distribucional, pois para Bloomfield a aquisição da linguagem está condicionada a um processo de estímulo-resposta o qual o falante desenvolve ao ser estimulado. Para Chomsky este princípio não corresponde à realidade, visto que, por exemplo, não explica e mesmo nega a capacidade que o falante nativo demonstra ao criar novas frases para suprir necessidades de comunicação (cf. CHOMSKY, 1994).

Pode-se concluir a reflexão sobre os princípios da corrente Gerativa afirmando que Chomsky, por suas concepções e métodos acerca da linguagem, se afasta do Estruturalismo de Saussure por voltar-se para uma concepção racionalista e puramente biológica quanto à aquisição da linguagem; e se afasta do Funcionalismo por estudar a língua fora de contextos reais de fala e do social. Porém, se aproxima das ciências cognitivas por analisar a língua buscando entender o funcionamento da mente humana, que permite a geração de estruturas linguísticas.

2. A Linguística do Discurso

A Linguística do Discurso extrapola a compreensão da linguagem como sistema formal, passando a se interessar pelo uso da língua em situação real de comunicação e das relações existentes entre forma e função. A partir disso, considera que a língua apresenta uma estrutura formal que é perpassada por realidades subjetivas sociais e históricas que influenciam no sistema e vice-versa.

Essa nova perspectiva refletida nos estudos linguísticos teve grande repercussão nas pesquisas científicas sobre a linguagem. O resultado disso foi o

surgimento de um grande número de vertentes que, apesar de apresentar em alguns casos teorias e métodos distintos, de uma maneira geral

[...] considera a língua em uso, observando os fenômenos de variação e mudança linguísticas, as interações face a face (e de outros tipos) entre falante e ouvinte, as influências sociais e psicossociais na estrutura da língua, a ideologia e a construção da subjetividade, os atos de fala no lugar de frases e sentenças verdadeiras e gramaticais, as implicaturas conversacionais, entre outros fatores. Martellota (2008: 88).

Dentre as diversas vertentes que se inserem nesse polo teórico, este artigo irá ressaltar duas, a saber, a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Cognitiva, refletindo sobre o que preservam e o que rejeitam em relação ao paradigma formalista.

2.1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística tem seu objeto de estudo centrado na língua em meio à comunidade de fala. Em virtude disso, considera a relação existente entre aspectos linguísticos formais, sociais e culturais em suas investigações acerca dos fenômenos da variação e das mudanças linguísticas (*cf.* WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006).

As pesquisas acerca do fenômeno da variação ganharam força nos Estados Unidos na década de 60 sob a liderança de Willian Labov. O interesse principal da Sociolinguística Variacionista é identificar, descrever e interpretar os fenômenos variáveis, visando avaliar sua distribuição nos diversos grupos (econômicos, étnicos, etários, e de gênero) que compõem a sociedade (*cf.* LABOV, 2008).

A Sociolinguística considera que a variação no uso da língua não é aleatória, mas regulada por um conjunto de regras inerentes à sociedade organizada sob a separação da população em classes sociais. É possível separar, inicialmente, dois grandes grupos de variantes: as pertinentes à língua padrão e as pertinentes à língua não padrão. As primeiras são chamadas de variantes padrão, conservadoras e de prestígio, já as segundas são chamadas de variantes não padrão, inovadoras e estigmatizadas. De acordo com estudos realizados com base nas teorias sociolinguísticas, fatores tais como classe social, gênero, idade, grau de formação,

níveis de formalidade situacionais influenciam na avaliação do uso das variantes na comunidade de fala (cf. LABOV, 2008).

Buscando compreender como se dá a relação entre a linguagem e a sociedade, a Sociolinguística postula o princípio da diversidade linguística. Nesse sentido, considera a comunidade linguística sob o ângulo não apenas de regras da língua, mais sob o ponto de vista das relações de poder. Isso acontece porque a sociolinguística entende que a língua é uma instituição social situada historicamente em um contexto sociocultural. Dessa forma, estuda a língua considerando o seu uso em contextos reais de sua produção, buscando recolher uma grande quantidade de dados de fala espontânea. Para alcançar esse objetivo, propõem aos entrevistados a narrativa de experiências pessoais com a qual o falante tem um envolvimento pessoal capaz de produzir o discurso de maneira natural. Para que o estudo dos fatos linguísticos seja autêntico, é importante que os informantes escolhidos sejam nativos ou pessoas imersas na língua alvo do estudo desde os cinco anos de idade. Dessa forma, os pesquisadores passam a separar os informantes, por exemplo, por sexo, escolaridade e idade. A partir disso é feita análise dos dados, considerando a ocorrência de variação linguística sob o ponto de vista da estrutura da língua. Essa análise visa responder se as ocorrências em competição na língua são variantes ou já se caracterizam como uma mudança linguística. (cf. LABOV, 2008)

De acordo com o que vimos até agora, os estudos variacionistas vão de encontro aos fundamentos do Estruturalismo e do Gerativismo. Isso ocorre porque enquanto para Saussure e Chomsky a língua deve ser estudada sob o ponto de vista de sua estrutura interna e produzida por um falante ideal, a Sociolinguística se interessa por fatores que ultrapassam o limite da estrutura da linguística enquanto sistema. A Sociolinguística considera os fatores extralinguísticos em suas análises como sendo inerentes à língua produzida por um falante real.

Contudo, a Sociolinguística se aproxima do pensamento estruturalista de Saussure quando considera a linguística como sendo uma ciência do social. Não faz, porém, a divisão dos estudos linguísticos em diacronia e sincronia, pois os estudos sociolinguísticos visam tanto descrever como explicar os processos que influenciam as variações e mudanças dos fatos linguísticos por meio de dados estatísticos que abrangem o tempo passado e o presente.

É importante ressaltar que a Sociolinguística discorda também dos pressupostos gerativistas clássicos no que diz respeito ao método de pesquisa. Enquanto para Chomsky apenas um falante é suficiente para comprovar os fatos linguísticos, a sociolinguística entende que é necessário coletar um grande número de dados de falantes em situação de fala por meio de diversos recursos de áudio.

2.2 Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva surgiu no final da década de 1970, na Califórnia, em decorrência de rupturas teóricas de alguns estudiosos com os princípios gerativistas da linguagem. Tiveram destaque nesse período os linguistas George Lakoff e Charles Fillmore (SALOMAO, 2009). Mais tarde, essa nova abordagem linguística recebeu a denominação de Sociocognição, pois os teóricos dessa abordagem (dentre eles estão Lakoff, Langacker, Fauconnier, Turner, Sweetser, Salomão) concebem a linguagem não como um sistema autônomo, mas como parte integrante do contexto sociocultural que é base constitutiva da cognição humana no processo de significação do mundo, conseqüentemente não é admitida a separação dos conhecimentos linguísticos dos não linguísticos. (cf. SALOMÃO, 1997; SALOMÃO, 1999). Em função disso, a vertente sociocognitiva se contrapõe a visão racionalista do Gerativismo.

Isso ocorre porque, na perspectiva sociocognitivista, os interlocutores passam a ser o centro da construção do sentido, de maneira que a comunicação se estabelece de forma compartilhada em situações reais de interação discursiva. Nesse sentido

A linguagem deixa de ser um sistema que independe do falante ou um conjunto de regras finitas e ganha uma dimensão social e cognitiva cuja função é possibilitar seus usuários meios para reportar o discurso alheio, influenciar as outras pessoas, narrar acontecimentos, fazer avaliações, ser impreciso, falsear informações, predizer o futuro, expressar sentimentos. Salomão (1999: 65).

Outra diferença entre os gerativistas e os sociocognitivistas, diz respeito à concepção de gramática. Enquanto para o Gerativismo a gramática é dividida em módulos distintos na mente humana, para a Sociocognição a gramática se constitui

um sistema simbólico, cuja forma/sentido são motivados pelo uso concreto da língua.

A Sociocognição tem por alguns de seus fundamentos ainda, que a mente não é separada do corpo, logo, a construção de significados se dá a partir das características da estrutura corporal humana. Esse paradigma é denominado de *pensamento corporificado*. Tal princípio consiste na defesa de que a organização e estrutura da mente humana estão diretamente associadas à estrutura do corpo humano, assim como às restrições de percepção e de movimento no espaço. Isso significa dizer que as estruturas conceituais são estruturas neurais, e que o processo de inferência conceptual é inferência sensório-motora (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1999). Exemplos disso são os usos de expressões de origem espacial significando tempo, como ocorre na construção: *Dias atrás estive em Recife*. Originalmente a palavra *atrás* faz referência a um aspecto espacial (indica a noção de posicionamento na parte posterior ou na retaguarda). No entanto, no exemplo citado, *atrás* faz referência a tempo anterior.

Como foi possível perceber no exemplo anteriormente citado, a mente humana desenvolve relações de reelaboração de informações importadas entre domínios cognitivos distintos. Essas conexões são possíveis devido à existência de um processo cognitivo chamado mesclagem. Na mesclagem as relações sintáticas ultrapassam as funções estruturais internas da língua para atender a aspectos semânticos, havendo com isso uma relação entre essas construções na busca do sentido. Segundo Fauconnier e Turner (2002), o processo de mesclagem é constituído de pelo menos quatro conexões entre domínios: dois inputs de entrada (espaço-fonte e espaço-alvo), um esquema genérico (interação entre elementos significativos dos Inputs 1 e 2) e o espaço mescla (novo significado gerado), como pode ser visto no esquema da Figura 1.

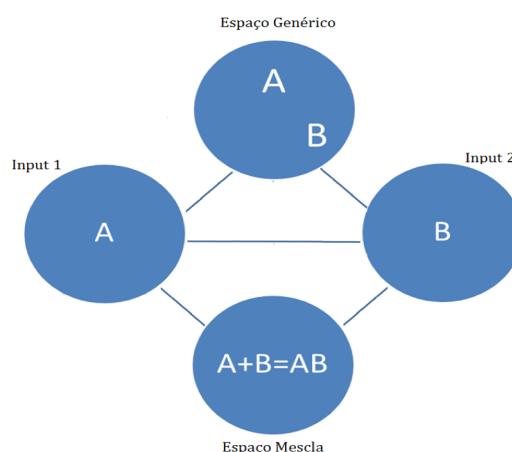


Figura 1: Modelo esquemático do processo de mesclagem conceptual baseado em Fauconnier e Turner (2002).

Os espaços-fonte funcionam como redes que são construídas por meio da seleção de elementos projetados entre os espaços- fonte e alvo (input 1 e input 2) para se integrarem em um terceiro espaço chamado de espaço genérico. O espaço genérico é, então, constituído de elementos significativos projetados dos inputs de estrada. O quarto espaço é formado das projeções advindas dos domínios como uma estrutura emergente dotada de um novo sentido. Este espaço é denominado de espaço mescla.

Como exemplo desse processo de mesclagem pode ser analisada a frase *Guerra contra o mosquito* que compõe o slogan do *Plano Estadual de Combate à Dengue* realizado pelo governo de Campo Grande (MS) em janeiro de 2016¹.

No exemplo acima citado, a frase projeta o domínio fonte (guerra), no domínio alvo (contra o mosquito). No domínio fonte são apresentados todos os elementos que significam o que é uma guerra (combate, guerreiros, vitória, derrota). Já o domínio alvo é constituído das representações do mosquito (inimigo, combate, ameaça à saúde). Parte das estruturas significativas dos inputs 1 e 2 (domínios fonte e alvo) são projetados para formar o espaço genérico. No quarto espaço, denominado espaço mescla ocorre a combinação e interação dos elementos projetados dos inputs no espaço genérico, resultando em um significado emergente: Guerra contra o mosquito.

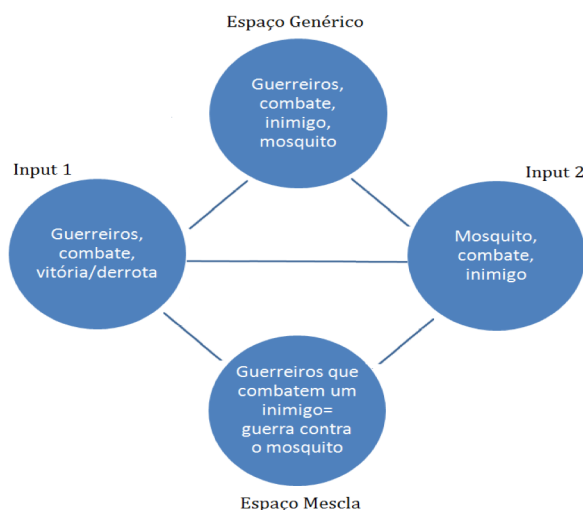


Figura 2: Exemplo de um esquema do processo de mesclagem conceptual elaborado pelas autoras, baseado em Fauconnier e Turner (2002).

Diante do que foi visto até agora, é possível perceber que a Sociocognição rompe com as ideias da Linguística Formal em vários aspectos. A principal crítica que os sociocognitivistas fazem ao Gerativismo recai sobre o pensamento de que as estruturas e habilidades inatas que capacitam o ser humano a aprender e a usar

¹ Disponível em: www.noticias.ms.gov.br/governo-institui-estado-de-alerta-de-saude-publica-e-cria-comite-de-combate-a-dengue/; Acesso: 17 de março de 2016

a linguagem são específicas da linguagem. Para a Sociocognição, o conhecimento é compartilhado entre os diversos esquemas cognitivos da mente humana.

É possível observar ainda, que apesar de o Gerativismo pregar a dimensão interna da linguagem, se aproximando das ciências cognitivas, este entende que a linguagem é um componente autônomo da mente independente das outras faculdades mentais. No entanto, a Sociocognição rejeita esses princípios formalistas, por entender que não é possível a separação entre aspectos linguísticos e não linguísticos para o processo de construção de sentido. Em decorrência dessa posição, enquanto para O Gerativismo Clássico o que deve ser priorizado é a sintaxe, a Sociocognição prioriza a semântica.

Outro aspecto relevante a ser observado faz referência ao conceito de gramática. Enquanto para a Linguística Formal a gramática é um conjunto de regras, autônomo, independente do contexto no qual prioriza as relações sintáticas, para a Sociocognição *a gramática é uma grande rede de construções; portanto, postula-se uma continuidade básica entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico.* (cf. SALOMÃO, 2009: 22). Isso significa conceber a língua como recurso de construção de conhecimento saindo da estrutura para o contexto sociocultural. Com isso, procura afirmar que a linguagem deve ser explicada em termos semânticos e funcionais. Isso explica porque para o Gerativismo o uso de metáforas está fora dos estudos linguísticos enquanto que para a Sociocognição está no centro.

Por fim, enquanto na Linguística Formal o papel do sujeito não tinha relevância para os estudos linguísticos, na perspectiva Sociocognitiva o sujeito está no centro da construção do sentido. Portanto, ao significar o mundo, o sujeito o faz a partir de um ponto de vista e de acordo com critérios pessoais, culturais, sociais utilizando elementos linguísticos que possibilitam, no ato comunicativo, a transmissão da intenção comunicativa do falante.

3. Considerações finais

Diante do exposto, se faz necessário registrar que a presença constante de conflitos teóricos dentro da linguística proporciona o aperfeiçoamento das pesquisas que procuram responder as questões inerentes aos estudos linguísticos. Nesse sentido, é possível afirmar que nenhuma teoria é mais importante que outra,

mas que todos os estudos emergem de uma visão teórica pautada em visões distintas de língua. O debate teórico não se esgota e levará certamente a novas descobertas, por meio dos novos questionamentos que surgem em função da dinamicidade intrínseca à língua. Tal fato enriquece a linguística enquanto ciência, na busca de compreender e explicar os processos que envolvem, sobretudo, a aquisição da linguagem e o seu funcionamento.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua – sua natureza, origem e uso* [1986]. [tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves]. Lisboa: Caminho, 1994.

_____. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. [2000] [tradução de Marco Antônio Santa'Ana]. São Paulo: Editora da UNESP, 2005 Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

_____. *Programa Minimalista*. Trad. Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1995.

_____. *On nature and language*. New York: Cambridge University Press, 2002.

BORGES NETO, José. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

FAUCONNIER, Gilles. TURNER, Mark. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.

GOMES, Languisner. FELPES, Heloísa Pedroso de Moraes (Org.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editora, 2008.

LAKOFF, G. 1987. *Woman, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

LUNGUINHO, M. V.; RESENES, M. S. de; NEGRÃO, E. V. Pesquisa em sintaxe gerativa: pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos e questões. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Vol. 1 Campinas: Mercado das Letras, 2012.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MIRANDA, Neusa. Salim. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais*. In: Veredas, v. 3, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Introdução a linguística 2: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Introdução a linguística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. [posfácio] In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 131-151.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Teorias da linguagem – a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Ma. Margarida Martins (orgs.). *Construções do português: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009, p. 20-32.

_____. *Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem*. Veredas, v.1, Juiz de Fora: EDUFJF, 1997.

_____. *Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais*. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004. Veredas, v.4, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. Veredas, v.2, Juiz de Fora: EDUFJF, 1999.

_____. *Construções no Português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico*. Projeto integrado: UFJF/UFRJ, 2002.

_____. *Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais*. Projeto Integrado de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1987.

VARELA, F.; THOMPSON & ROCH, E. *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1975].

ABSTRACT: The human language has always been a persistent presence as an object of interest of researchers who sought to explain, among other factors, its origin, operation and acquisition process. Throughout history, the language has been influenced by other scientific areas and has congregated, in its trajectory, several theoretical aspects which, by its reflections on the theme, enriched the research through the study from the form of language to discourse, thus contributes to language constitutes itself as a dynamic science in its theoretical process of evolution. Presenting the continuities and ruptures between Formal Linguistics and Discourse Linguistics is the purpose of this article, which makes a comparative analysis of theoretical aspects from Structuralism, Generative, Sociolinguistics and Cognitive Linguistics.

KEYWORDS: Formal Linguistic; Discourse Linguistic; Continuities and Ruptures.

SANTOS, Fabiana, S; SANTOS, Thais S. Linguística formal e linguística do discurso: continuidades e rupturas teóricas, *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016

Enviado: 16 de dezembro de 2015
Aceito: 26 de março de 2016
Pub. Online: 27 de março de 2016

ISSN: 2358-6826
[[www.linguisticario.letas.ufrj.br/
uploads/7/0/5/2/7052840/santos_e_santos.pdf](http://www.linguisticario.letas.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/santos_e_santos.pdf)]

